

## A configuração da problematidade nos cavaleiros da Mancha e do Pilar

Prof. Ms. Aristóteles de Almeida Lacerda Neto<sup>1</sup> (CEFET-MA)

### **Resumo:**

*O presente trabalho, que se vincula à linha de pesquisa Leituras do texto literário do PPGL-UFPB, propõe uma leitura comparatista dos romances Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, e Fogo morto, de José Lins do Rego. Com base na categoria lukacsiana do herói problemático, procuramos investigar as relações entre os protagonistas de ambas as narrativas, a fim de mostrar as ressonâncias quixotescas em capitão Vitorino, o cavaleiro do Pilar, através de uma análise que revela as aproximações e os contrastes*

**Palavras-chave:** herói problemático, idealismo abstrato, literatura comparada, Miguel de Cervantes, José Lins do Rego

A plausibilidade da aplicação do conceito de idealismo abstrato no estudo do herói capitão Vitorino, um dos protagonistas de **Fogo morto**, de José Lins do Rego, viabiliza a comparação com o protagonista do texto cervantino **Dom Quixote de la Mancha**, ou seja, Dom Quixote, haja vista que este é o parâmetro da tipologia lukacsiana. Na base dessa incursão comparatista, encontra-se o engendramento da problematidade que caracteriza os romances em questão. Ambos os textos desnudam a situação do indivíduo perante a sociedade e o conflito que se instaura a partir dessa relação.

A inadequação do herói cervantino com o seu mundo processa-se através da tentativa de implantar em seu meio os valores plasmados nos romances cavaleirescos, confundindo assim realidade e fantasia. Para efetivar o seu ideal, assume a condição de cavaleiro andante. O anacronismo de Dom Quixote está materializado fundamentalmente na armadura e nas armas. Complementando essa imagem destoante, apontamos a sua montaria e o nome que incorpora. Os ecos de tal configuração redundam em gestos e discursos também dissonantes, já que são robustecidos pelas reminiscências dos heróis que povoam o universo da literatura de cavalaria, causando espanto e graça, simultaneamente.

O protótipo do cavaleiro, como é sabido, realiza-se na ação, que está alicerçada em um ideal grandioso. Dom Quixote abraça a sua causa (pelo menos em sua ótica, meritória), e lança-se no mundo em busca de aventuras. Castelos, cavaleiros, damas, gigantes e seres encantados são inverossímeis, isto é, não reúnem condições de existência na realidade efetiva da Mancha, região das mais pobres e secas da Espanha. Os obstáculos que espera encontrar, a fim de mostrar o seu valor, não estão à sua altura. Então se depara com um quadro impróprio para sua empreitada. A batalha intrépida contra inimigos grandiosos e a correção de injustiças têm que se submeter à reformulação de sua mente, para que possam acontecer. Como cavaleiro do irrealismo, erige seu mundo. Desse modo, a alma estreita, incapaz de apreender os fatos como ocorrem, por conta da inflexível mentalidade voltada para a concretização do ideal, e, por extensão, inapta para aprender com a experiência concreta, gera situações inusitadas. Daí a ação resultante, apesar de pautada em princípios elevados, atingir somente a cópia distorcida da realidade. Mesmo assim, a coragem, o destemor, a certeza da verdade e a justeza de seu proceder incitam-no a continuamente envolver-se em aventuras.

A caracterização do quixotismo – delineada acima – ressoa na estruturação do personagem de José Lins do Rego: capitão Vitorino. Antonio Candido afirma que o capitão Vitorino é uma perfeita transposição do herói cervantino<sup>1</sup>. Seguindo o mesmo pensamento, encontramos José Maurício Gomes de Almeida, que concebe o herói de **Fogo morto** como uma espécie de Dom Quixote sertanejo. Também Eduardo F. Coutinho vislumbra Vitorino como um personagem quixotesco. A exemplo dos críticos acima citados, identificamos também outros que não aprofundam a questão, deixando “indeterminado” o vínculo existente entre capitão Vitorino e Dom Quixote. Visando preencher esta lacuna, passamos a determinar esse elo.

O cavaleiro do Pilar, assim como o da Triste Figura, desencadeia uma demanda obsessiva e essencialmente utópica. Com a montaria e os seus paramentos (fraque ou paletó, tabica e punhal), aliados à patente e ao orgulho do nome, que simbolizam a concreção de sua inadaptação ao meio em que vive, imprime ações e se envolve em aventuras que expressam o seu inconformismo contra a opressão exercida pelos poderosos. Embora pareça paradoxal – afinal, orgulha-se da patente e do nome de família, maltrata a mulher (chamando-a de vaca velha), e considera que o negro é inferior (e. g. o tratamento que invariavelmente confere a negro Passarinho<sup>2</sup>) –, sua atitude corajosa é espelho da vontade de todos que são oprimidos, mas que estão presos às amarras quer seja por conta do medo, quer seja pela completa asfixia em que vivem, o que impede o protesto, a revolta, deixando-os indefesos e praticamente sem opção e imóveis, assim resignando-se ou torcendo para que alguém se lance contra o sistema. Capitão Vitorino, movido pela obsessão democrática e convicto de que a mudança é possível, entra em rota de colisão com a realidade através da militância política e da atuação como cavaleiro da verdade e da justiça, advogando a causa dos necessitados.

À medida que capitão Vitorino expõe as vicissitudes impostas pela degradação do seu cosmos, mais precisamente pela situação de opressão infligida aos indivíduos, com a denúncia por intermédio de bravatas, de gritos, enfim, da sua ação, transmuta a opinião dos que o cercam, mormente os que sofrem. Desvelado o condicionamento dialético do mundo degradado, as ações reflexivamente degradadas de Vitorino padecem de respaldo lógico, o que implica uma interpretação predominantemente cômica pelos demais personagens. A incompreensão da postura “quixotesco-vitorinina” oblitera a grandiosidade da busca pretendida e empreendida, especialmente na perspectiva dos coronéis, dos senhores de engenho. Evidentemente, a atmosfera sustida pelo herói filtra o olhar alheio, não sofrendo abalo. A zombaria feita por crianças e adultos (“Vitorino cabalava por toda parte. Pelos engenhos era recebido com gargalhadas”), manifestada sobretudo na chacota da figura de Vitorino, pela denominação de Papa-Rabo, por exemplo, constitui-se em uma prova disso:

Pela estrada passava um moleque, a cavalo, e quando viu o velho Vitorino, parou e largou a boca no mundo:

– Papa-Rabo, Papa-Rabo.

Vitorino levantou-se com o corpo mole, pegou de uma pedra e saiu correndo atrás:

– Papa-Rabo é a mãe.

E correu com tanto ímpeto que tropeçou nas raízes da pitombeira e foi ao chão como um jenipapo maduro. (REGO, 2002, p. 72).

Concernentemente ao riso como sinal da inadequação do herói ao seu universo, que se confirma na passagem transcrita acima e perpassa a narrativa de José Lins, destacamos que isto ocorre de forma semelhante no texto de Miguel de Cervantes. Acompanhemos a ocasião em que Dom Quixote envolve-se em mais uma desventura, pensando em libertar uma dama principal, vai ao en-

<sup>1</sup> “Disse o Sr. Édison Carneiro que ele é um “D. Quixote rural”. Com efeito o capitão é uma perfeita transposição do herói de Cervantes”. (CANDIDO In COUTINHO; CASTRO, 1991, p. 395).

<sup>2</sup> Em conversa com o mestre Amaro, Vitorino fica sabendo que o negro Passarinho está morando com o seu compadre e emite o seguinte juízo de valor: “– Como é que se tem um negro deste dentro de casa, meu compadre? É mesmo que morar com um porco” (REGO, 2002, p. 310).

contro de alguns penitentes que rogam para a providência divina o envio de chuvas. Vale salientar que a dama enxergada é de fato uma imagem da Virgem Imaculada, coberta de luto:

Os primeiros que se detiveram foram os que levavam a imagem, e um dos quatro clérigos que cantavam as ladainhas, vendo a estranha figura de Dom Quixote, a magreza de Rocinante e outras circunstâncias que descobriu no cavaleiro, e que moviam a riso, respondeu [à inquirição de Dom Quixote] dizendo:

–irmão e senhor, se nos quer dizer alguma coisa diga-a depressa (...).

–Dir-la-ei numa só [palavra] – replicou Dom Quixote – e, é a seguinte: que deixeis livre imediatamente essa formosa senhora, cujas lágrimas e triste semblante dão claras mostras de que a levais contra sua vontade (...) e eu, que vim ao mundo para desfazer semelhantes agravos, não consentirei que avanceis nem mais um passo, sem lhe dardes a desejada liberdade que merece.

Por estas razões, entenderam todos os que as ouviram que Dom Quixote havia de ser louco, e desataram a rir com vontade. Esse riso foi o mesmo que deitar pólvora na cólera de Dom Quixote, porque, sem dizer mais palavra, arrancando da espada, arremeteu ao andor. (CERVANTES, 2003, p. 335).

Esta passagem oferece-nos uma amostra da loucura do herói e a falta de conexão entre a sua idéia e a exterioridade. O julgamento das pessoas é expresso com o riso, com a galhofa. Dom Quixote frente ao achincalhe inflama-se e parte para o confronto. No entanto, o resultado é geralmente adverso. Como desfecho, o nocaute do anti-herói. Note-se que Vitorino sofre dentro do seu contexto algo parecido: na tentativa de responder à chacota, acaba tropeçando e tomba ao chão.

Reforçando os laços existentes entre capitão Vitorino e Dom Quixote, remontamos ao caso em que o cavaleiro manchego é alvo da graça das crianças:

... dois garotos, travessos e atrevidos, meteram-se por meio de toda gente e, levantando um deles o rabo do ruço e outro o de Rocinante, ataram-lhes um molho de cardos. Sentiram os pobres animais essas esporas de novo gênero e, apertando as caudas, ainda aumentavam a dor; de modo que, aos escorvos e aos coices, deram com seus donos em terra. (CERVANTES, 2003, p. 626).

A brincadeira das crianças explicita ainda mais a figura ridícula do herói e seu escudeiro. A despeito da celebração promovida com a chegada anunciada do verdadeiro e famoso Dom Quixote de la Mancha, não o apócrifo, a Barcelona, temos este espetáculo da sua degradação.

A mania persecutória marca sobremaneira os heróis do idealismo abstrato. Vitorino atribui a qualquer acontecimento desfavorável uma conotação política. Defendendo a candidatura do coronel Rego Barros, homem que não está no poder, logo, situado na esfera da oposição, e na condição de seu partidário, considera-se igualmente como homem de oposição. A interpretação, para a chacota dos moleques, dada pela mente do capitão, está fincada justamente na tese de perseguição política. Como sabemos, é mais uma posição utópica:

(...) O mestre José Amaro levantou-se para ampará-lo. O velho quase que não podia falar. Estava branco como algodão, de corpo mole. Depois que se refez com o copo d'água que bebeu, disse com a voz ofegante:

– É isto que o senhor vê, meu compadre. Me perseguem deste jeito.

Chegara gente da casa para animá-lo.

– Caí com o corpo todo. Muito obrigado. Estes cabras me pagam. Isto é coisa do Juca do Santa Rosa. Estas desgraças me pagam. Corto a cara do safado de rebenque.

O mestre Amaro falou manso para o compadre:

– Compadre Vitorino, eu não quero dizer nada, mas o senhor é culpado de tudo isto.

– Culpado de quê? Não está vendo que isto é perseguição política? Estão com medo do meu eleitorado. Cabras safados. Vou mostrar a todos quem é este velho Vitorino Carneiro da Cunha. Não enjeito briga. Se querem no pau, vamos no pau. (REGO, 2002, p. 72).

Tal fragmento situa-se imediatamente na sequência da queda de Vitorino, ao correr atrás do moleque que o chama de Papa-Rabo. Neste episódio do desaforo do moleque e que resulta no padecimento do capitão Vitorino, faz-se notória a improcedência da sua argumentação diante da contundência fática. O mestre José Amaro emite um parecer bastante coerente, contrapondo-se ao compadre. Afinal, o acontecimento está desprovido de uma significação político-eleitoral: Vitorino é motivo de gozação pelo seu aspecto ridículo e não aceita a afronta originada seja de quem for. Em resposta ao desaforo, corre alucinado no encalço do algoz. Todavia, depara-se com um obstáculo (as raízes da pitombeira) e vem a tombar. A insistência do cavaleiro do Pilar na argumentação política, por seu turno, está consoante com as suas convicções. Os fatos ganham os contornos pincelados pelo deslumbramento demoníaco.

A distorção desenhada pela consciência exagerada de que é um homem que pelo seu posicionamento político, ou seja, como opositor e crítico dos atuais mandatários do Pilar e da Paraíba, que chega no limiar do delírio, tem seu ápice na prisão por desacato à autoridade – leia-se tenente Maurício. Vitorino é remetido à Capital na qualidade de prisioneiro. Tal fato repercute na imprensa e o capitão faz publicar a sua versão do incidente. A fama alcançada com a matéria jornalística potencializa a sua ação e militância em terras da Várzea.

A perseguição política para o capitão Vitorino está para a perseguição dos seres encantados que obstaculizam a ação de Dom Quixote: os nigromantes. São a eles que o Cavaleiro dos Leões imputa a responsabilidade pelo sumiço da sua biblioteca, por exemplo.

A insurreição contra os poderes estabelecidos e a conseqüente dominação, prepotência, exploração e corrupção advindas desse exercício de mando, traduzida na força exercida pelos coronéis (e, por conseguinte, na posse de terras e bens), a brutalidade do aparelho repressor do Estado, sob os auspícios dos proprietários de terra e a presença marcante do poder paralelo a cabo do cangaço, sintetizada na pessoa do capitão Antônio Silvino, são uma prova inquestionável da ruptura que o cavaleiro do Pilar maquina, escudada na coragem que o impele. Esse é um retrato da realidade flagrada no romance: o universo de decadência socioeconômica, sustentada nos vestígios do patriarcalismo e de práticas mercantis atrasadas face ao avanço de uma nova ordem capitalista, calcada na emergência dos valores burgueses. (COUTINHO In: COUTINHO; CASTRO, 1991, p. 432). Os inimigos que Vitorino cria, pois os “oponentes” encaram-no verdadeiramente como um bobo, um bufão, um ser em doidice inocente e pueril, representam “moinhos de granito”, de estruturas sólidas, inabaláveis. (FERREIRA, 1975, p. 85). Ademais, os homens com quem peleja são gigantes, dotados de poderes temporais, e contra os quais não sente qualquer medo. A sua figura avulta diante do oponente. Entretanto, da mesma maneira que Dom Quixote enfrenta os moinhos de vento, tomando-os por gigantes, em batalha desigual, não logra êxito pleno, porquanto atinge unicamente o mundo reformulado e não o cerne do mundo exterior.

Para ilustrar a comparação, fazemos menção ao episódio do cabreiro. Só para recordar, nele Dom Quixote tenta convencer o patrão a suspender a sova que aplica em seu empregado. Fazendo-o jurar com base nos valores em que acredita, Dom Quixote imagina ter resolvido o imbróglio. Porém, o homem rico, logo que o cavaleiro satisfeito com o papel desempenhado deixa a cena do açoi-te, descumpra a promessa e castiga com mais furor o cabreiro.

No que respeita a Vitorino, inúmeras, também, são as situações em que a atitude reverbera exclusivamente na subjetividade. Mencionamos aqui, especialmente, a embaixada do capitão junto ao coronel Lula de Holanda, objetivando garantir a permanência do compadre nas terras do Santa

Fé. A defesa do causídico apenas tem sucesso em sua idéia: o sustentáculo da permanência do seleiro reside na ameaça do capitão Antônio Silvino.

Capitão Vitorino e Dom Quixote atuam ancorados em um ideal de justiça. A concepção que possuem confronta-se com a estabelecida. Os dois heróis lutam pela libertação de condenados. O embate do qual participam é a expressão da transgressão à ordem vigente. Destarte, uma faceta da loucura.

Quixote visualiza um conjunto de doze homens algemados (cadeia de galeotes). Na sua ótica, tais desditados são levados contra a vontade, portanto, estão sendo compelidos a tanto, o que constitui uma violência. Ante tal situação de opressão, o Cavaleiro dos Leões exige a liberdade para os acorrentados. Como não é ouvido e, ainda por cima, vilipendiado, arremete contra os guardas do rei, gerando uma confusão que redundava com a consecução do desejo: os condenados ficam livres.

Por sua vez, Vitorino depara-se com a prisão de seu compadre, mestre José Amaro, do cego Torquato e do negro Passarinho. Os protestos do capitão culminam com o requerimento que faz ao juiz através de uma ordem de *habeas corpus*, com a finalidade de reverter a arbitrariedade impingida aos três homens: “E na sala do juiz, com a sua letra trêmula, devagar, parando de quando em vez, como se estivesse numa caminhada de léguas, escrevia o capitão Vitorino as palavras que pediam liberdade para os pobres”. (REGO, 2002, p. 379). O meio para a efetivação da justiça, usado pelo defensor dos oprimidos, revela-se estéril. Vitorino acaba também na cadeia. Apenas sendo solto mais tarde (bastante ferido), juntamente com os seus constituintes, em decorrência da intervenção do coronel José Paulino – muito embora credite a libertação deles ao remédio jurídico que impetrou.

As condutas dos heróis identificam-se com um sentimento de justiça absoluto. Para a concretização de tal sentimento são capazes de desafiar a razão, conflitando-se com o poder de polícia. Os remédios jurídicos (a força, para o primeiro, e a petição, para o segundo) divergem. Os fins, porém, são os mesmos: promover a liberdade e restabelecer, assim, a própria justiça. As consequências dessa ação libertadora são muito próximas. Dom Quixote só não chega a ser preso, o que ocorre graças à intercessão do cura que convence a Santa Irmandade de que o “delinqüente” trata-se de um desajuizado<sup>3</sup>.

Em contraposição, contudo, está o balanço das ações:

Vendo-se Dom Quixote tão mal, disse para o escudeiro:

– Sempre, Sancho, ouvi dizer que fazer bem a vilões é deitar água no mar. Se eu tivesse estado pelo que me dissesse, evitava-se o presente desgosto; mas o que está feito está; já agora paciência; ficar-me-á de emenda para o futuro. (CERVANTES, 2003, p. 141).

Esse trecho é deveras contundente: o fidalgo avalia a libertação dos galeotes como decepcionante. De tal aventura, Quixote sai ultrajado, apedrejado e roubado por aqueles que ajudara a liber-

<sup>3</sup> “É, pois, o caso, que os quadrilheiros sossegaram, por ter entreouvido a qualidade dos que com eles se tinham batido, e retiraram-se da pendência, por lhes parecer que sempre haviam de levar o pior na batalha; mas um deles, que fora desancado e pisado aos pés por Dom Fernando, lembrou-se de súbito de que entre alguns mandados que trazia para prender alguns delinqüentes, vinha um contra Dom Quixote, que a Santa Irmandade mandara prender pela liberdade que dera aos galeotes, e como Sancho, com muita razão, temera. Lembrando-se, pois, disto, quis certificar-se e diziam bem com as feições de Dom Quixote os sinais que lhe tinham dado, e, tirando do seio um pergaminho, sucedeu ser esse logo o que procurava, e pondo-se a lê-lo com todo o vagar (...), a cada palavra que lia punha os olhos em Dom Quixote, e ia cotejando os sinais com as feições do seu rosto, e viu que sem dúvida alguma era a ele que o mandado se referia. E, apenas se certificou, dobrou logo o pergaminho, e, pondo o mandado na mão esquerda, com a mão direita agarrou a Dom Quixote pelo pescoço, que nem o deixava respirar, e com grandes brados dizia:

– Auxílio à Santa Irmandade, e, para que se veja que deveras e com razão o peço, leia-se este pergaminho onde se ordena que se prenda este salteador de estradas” (CERVANTES, 2003, p. 305).

tar. Malgrado o (in)sucesso dessa ação, Dom Quixote coloca-se de prontidão, esperando encontrar alguma aventura estranha.

Para o capitão Vitorino a causa assumida é fonte de orgulho. No episódio, além de mostrar a sua coragem, recebe o reconhecimento e o agradecimento dos pobres pela defesa feita. Por isso: “Ninguém no mundo poderia com ele”. (REGO, 2002, p. 393). “Que lhe importava a violência do tenente Maurício? O que valia era a petição que, com a sua letra, com a sua assinatura, botara para a rua três homens inocentes”. (REGO, 2002, p. 395-396). Cumpre ressaltar que o êxito do “advogado” carece totalmente de amparo na realidade, restringindo-se somente ao seu entendimento.

Como corolário de tais ponderações, podemos asseverar que a vitória, o triunfo, tem um caráter de impossibilidade para esses heróis do idealismo abstrato. No máximo o que conseguem diz respeito a uma falsa sensação de triunfo, o que diversamente ocorre na epopéia. (LUKÁCS, 2000, p. 100). Nesta, os heróis são guiados para a vitória, tendo em vista a proteção e a ampliação de forças que lhes são dadas pelas divindades. Sem esse amparo, aqueles ficam indefesos e impotentes face aos inimigos “superiores”.

O anátema do personagem romanesco está justamente na perda do sentido de distância, impulsionada pela ausência de problemática interna. Sem contar que a inexistência do apoio dos deuses deixa-o em desvantagem diante dos óbices que se lhes apresentam. Desamparado e irrefletidamente agindo, sem ter a noção precisa de sua inferioridade (diante de gigantes que são moinhos de vento ou de granito), e buscando expungar os inimigos, o herói extático torna mais estreito o mundo do que é realmente. Daí as contendas inutilmente grotescas realizadas no substrato de suas ações revelarem-se engraçadas. Figurativizando, aludimos ao episódio dos odres de vinho. Em tal oportunidade, Dom Quixote encontra-se em combate onírico, travado com algum gigante:

Tão intensa havia sido a apreensão da aventura que ia acabar, que o fez sonhar achar-se já no reino de Micomicão e a braços com o seu adversário; e tantas cutiladas tinha assentado nos odres, supondo descarregá-las no gigante, que todo o quarto era um lugar de vinho. (CERVANTES, 2003, p. 237).

Já “desperto”, Quixote supõe ter liquidado o gigante (na verdade, cortando os odres de vinho tinto com sua espada). Assim, devolve a paz para a Princesa Micomicona<sup>4</sup>, cumprindo o seu mister.

Referentemente a Vitorino, consideramos novamente a sua “vitória” nas barras dos tribunais, em que utiliza o *habeas corpus*. A ilusão do triunfo do cavaleiro da justiça está na idéia de que o uso desse instrumento, pelos trâmites legais, é um meio eficaz para a libertação dos presos.

O desacordo das ações de Quixote e de Vitorino traz conseqüências diretas só para os heróis (no caso do romance de Cervantes, inclui-se aí, por vezes, Sancho Pança, o escudeiro), o que denota a sua falta de representatividade. Em face disso, as aventuras eleitas encontram sentido e substância apenas em sua alma.

As aventuras perdem relativamente o significado heróico, já que perdem a espontaneidade e a dimensão épica, isto é, a tônica da consubstancialidade inextrincável do representante do povo e sua comunidade. Elas têm que ser escolhidas (ou forçadas) pelo anti-herói, afinal a sua vida “só pode ser o mesmo que fazer frente a aventuras”. (LUKÁCS, 2000, p. 102).

Por outro lado, a contínua maquinação demoníaca do idealismo abstrato é típica da alma aventureira. Então, no primeiro sinal de inércia, o herói agita-se, almejando livrar-se do imobilismo. O caráter dinâmico é, portanto, um traço peculiar. Exemplificando, fazemos menção ao desgaste da saúde de Dom Quixote antes de sua última saída, de acordo com a avaliação de sua ama: “o triste do

---

<sup>4</sup> Trata-se de Dorotéia, que assume tal papel para tirar Dom Quixote da Serra Morena, local onde o cavaleiro está realizando uma penitência, nos mesmos moldes de Amadis de Gaula. O artifício do cura e do barbeiro, amigos do fidalgo, tem como fim fazer com que o ensandecido retorne para a sua casa.

homem vinha de tal maneira, que não o conheceria a mãe que o pariu: fraco, amarelo, com os olhos encovados nas profundas da cara”. (CERVANTES, 2003, p. 378). A despeito dessa situação, o herói mantém a vontade de ganhar o mundo. A insistência em sair, é sinalizada com o “planejamento” da nova investida. Bastante fragilizado, volta a se aventurar. Em **Fogo morto**, lembramos a situação de Vitorino, após a segunda prisão. O vigor dado pela monomania impressiona, pois ainda em convalescença afirma: “– Minha velha, amanhã tenho que ganhar os campos. Não sou marica para ficar dentro de casa. As eleições estão aí e nestes últimos dias nada tenho feito”. (REGO, 2002, p. 400).

Inobstante a tudo isso, gostaríamos de apresentar uma ressalva quanto à designação de Dom Quixote aventada pela crítica em relação ao capitão Vitorino. Dom Quixote, como sabemos, tem em comum com o capitão Vitorino a inadequação com as convenções da realidade, o espírito aventureiro e idealista; entretanto, o primeiro é nostálgico, espera reimplantar a Idade de Ouro<sup>5</sup>, enquanto o segundo possui um projeto político para Pilar, em que não haveria “tolerância para com sujeitos safados, que só queriam comer no cocho da municipalidade”, “não haveria ladrões, fiscais de feira roubando o povo”, “Tudo andaria na correta, na decência”, “não haveria tenente Maurício que fizesse arruaça”, “Todos pagariam impostos”, “a vila do Pilar teria calçamento, cemitério novo, jardim, tudo que Itabaiana tinha com o novo prefeito”. (REGO, 2002, p.397-398). Para Vitorino, a oligarquia cederia lugar à democracia. O retrocesso daria lugar ao avanço.

Metonimicamente, indicando a nostalgia do primeiro, fazemos referência ao elmo. O capacete a que o cavaleiro aspira é uma reluzente bacia de barbeiro. Todavia, ele acredita ser o famoso elmo dourado, que pertenceu ao rei muçulmano chamado Mambrino. Este o utilizou em lides importantes, até perdê-lo para o seu algoz. O elmo consiste em um prêmio conquistado pela vitória na lide. A antecedência grandiosa do elmo inflama a vontade de Dom Quixote de possuir e também usar a relíquia. (VIDAL, 1999, p. 347).

Já para as aspirações prospectivas do segundo, evidenciamos como símbolo o gramofone: “A casa de Vitorino criara vida **nova**. O filho trouxera muitas **novidades**. Um gramofone tirava dobrados, valsas, cantorias. **Vinha gente de longe para ouvir a máquina se esgoelando na paz do sítio**” (grifo nosso). (REGO, 2002, p. 340). O presente do filho é um reflexo da dissonância do próprio capitão na realidade atrasada em que vive. É interessante perceber que os vocábulos “nova” e “novidade” ratificam o perfil reformista de Vitorino. Outro tópico importante respeita à identificação de Vitorino com a máquina: ambos emitem um som estridente e são um atrativo, um espetáculo para as pessoas simples do Pilar, notadamente para os meninos<sup>6</sup>.

Aparentemente, os desenlaces das narrativas **Fogo morto** e **Dom Quixote de la Mancha** demonstram aspectos contrastantes. No primeiro, o herói, em detrimento do aniquilamento dos outros protagonistas (o mestre José Amaro suicida-se e o coronel Lula de Holanda simbolicamente está de fogo morto, assim como o Santa Fé, engenho de sua propriedade), projeta seus pensamentos na realidade, assenhoreando-se do mundo e vislumbrando a sua glória. Já no segundo, o cavaleiro participa de sua última aventura, ou seja, a morte<sup>7</sup>.

Contudo, o contraste, sob o ângulo da configuração dos personagens, desfaz-se, pois na essência os heróis cumprem o seu destino, sendo fiéis aos princípios que norteiam suas vidas. Por isso, o Capitão Vitorino, ao construir o mundo através das projeções da sua mente, age conforme a sua idéia fixa. Por seu turno, Dom Quixote, com a sua morte, procede de acordo com os ditames do seu ideal cavaleheresco, já que, impedido de pegar em armas, envolve-se no desafio derradeiro.

<sup>5</sup> Tal período corresponde ao que concebemos atualmente como Idade Média.

<sup>6</sup> “A tarde bonita, de vento brando, de cajazeiras cheirosas, cobria a casa do capitão Vitorino de uma paz de remanso. O gramofone na sala, com os meninos em redor, cantava com voz estridente”. (REGO, 2002, p. 350).

<sup>7</sup> Para Junito de Souza Brandão (2003, p. 51 e p. 63), a morte é a derradeira *agonia*, a última aventura do herói, personagem especial, que deve estar sempre pronto para a luta, para os sofrimentos e para a solidão e até mesmo para as perigosas *catábases* à outra vida. A morte constitui-se no apogeu do *pathos* desse personagem.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- [2] BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 10. ed. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2003.
- [3] CANDIDO, Antonio. *Um romancista em decadência*. In: COUTINHO, Eduardo; CASTRO, Ângela Bezerra (org.). **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira; FUNESC, 1991. (Col. Fortuna Crítica).
- [4] CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- [5] COUTINHO, Eduardo F. *A relação arte/realidade em Fogo Morto*. In: COUTINHO, Eduardo; CASTRO, Ângela Bezerra (org.). **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro; João Pessoa: Civilização Brasileira; FUNESC, 1991. (Col. Fortuna Crítica).
- [6] FERREIRA, Edda Arzúa. **Integração de perspectivas**: contribuição para uma análise das personagens de ficção. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.
- [7] LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- [8] REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 57. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- [9] VIDAL, César. **Enciclopedia del Quijote**. Barcelona: Planeta, 1999.

---

<sup>1</sup> **Aristóteles de Almeida LACERDA NETO, Prof. Ms.**  
Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA)  
Unidade de Ensino Descentralizada de Santa Inês (UNED Santa Inês)  
aristotelesalmeida@yahoo.com.br